



BOM BARQUEIRO



15-12-13

ACADEMIA
DE
DANÇA DE GAIA

AUDITÓRIO
PAROQUIAL DE
OLIVEIRA DO DOURO

Quantas pessoas já não encontraram
Num sorriso sincero um pedaço de céu?
Ah! Quantos sonhos já não começaram
Como pequenos barquinhos de papel?...

Barquinhos e Sonhos, Lídia Vasconcelos

A ti que areias calcadas sacudiste
E num búzio fechado me encontraste,
Que lá de dentro finalmente me retiraste
E quando eu saí apenas me sorriste!

A ti que a concha me quebraste,
Que o meu solo doce esgravataste,
De um sono longo me despertaste
E foi aí que certamente te encantaste!

A ti que fazes em parte do teu tempo missão
De Lua Cheia, de Nicolau e de Capitão,
Que ajudas quem precisa com as tuas pérolas ou simples pão,
Enches o mundo de alguns com gestos singelos vindos do coração!

A ti que após relâmpagos vários, feridas e queimaduras a crepitar,
Entorpecido por esse embalo e navegando num céu com fraca orientação solar,
Te dispersaste nas ondas, num rumo incerto à deriva no mar,
Encontra em Bom Barqueiro o teu caminho para voltar a atracar!

Deixa-me abrir a porta, fazer a maçaneta perra voltar a girar,
Dá-me a tua mão e juntos vamos voltar,
Em caminhos pintados de estrelas e com explosões de arco-íris dançantes no ar,
Ao som da brisa e do vento e ao ritmo deste mar!

Bom Barqueiro, Bom Barqueiro!¹*A chuva molha-me o rosto com lembranças que me fazem sorrir. São emoções que dão vida à saudade que trago! Passa a noite, passa o tempo devagar, já é dia, já é hora de voltar para onde só o sonho fica e onde só ele pode ficar! Vai quem já nada teme, vai o homem do leme! Somewhere over the rainbow, way up high and the dreams that you dreamed of once in a lullaby really do come true! Someday I'll wish upon a star wake up where the clouds are far behind me, where trouble melts like drops and I think to myself what a wonderful world!*²E a bailarina imaginou-se a dançar com o capitão!³Eu nem vou pelo destino, vou apenas pelo gozo que me dá este caminho! E vou nas calmas, devagarinho, que o gozo disto é ir andando com um sorriso!⁴

(Marta Teixeira Aguilar) **Ma-Cha**⁵(do)

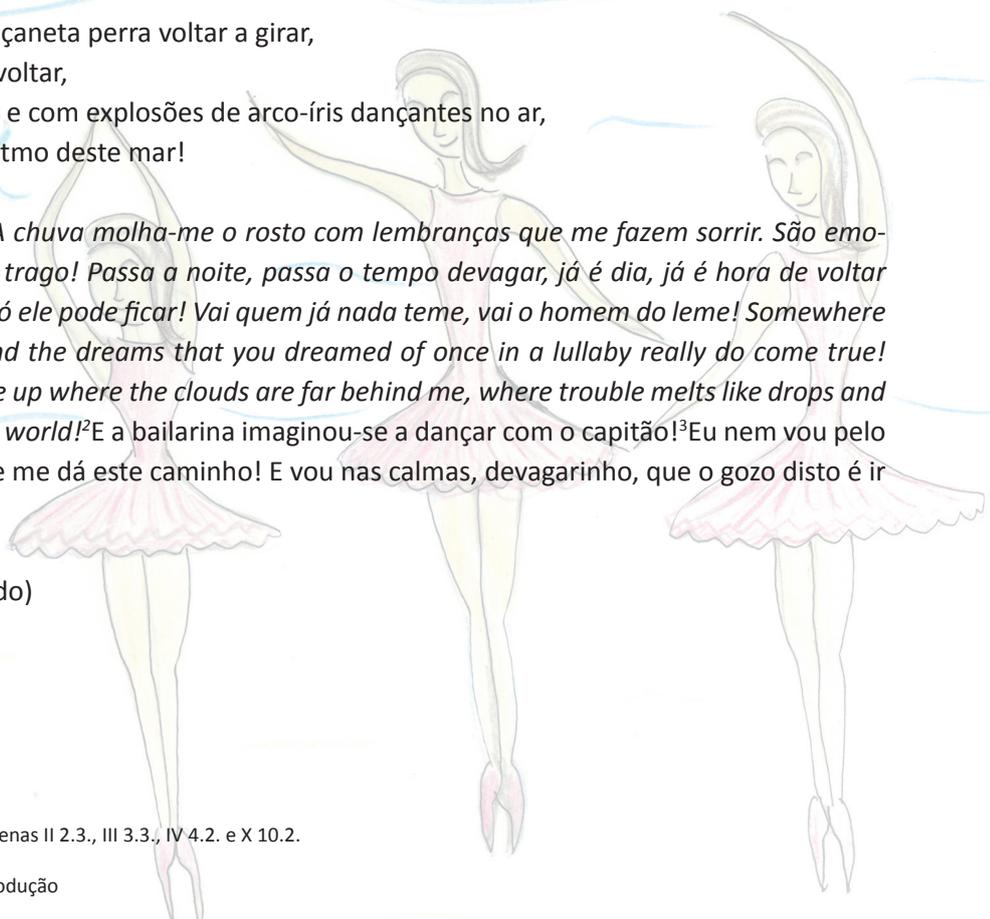
1 Título e Cena I 1.1.

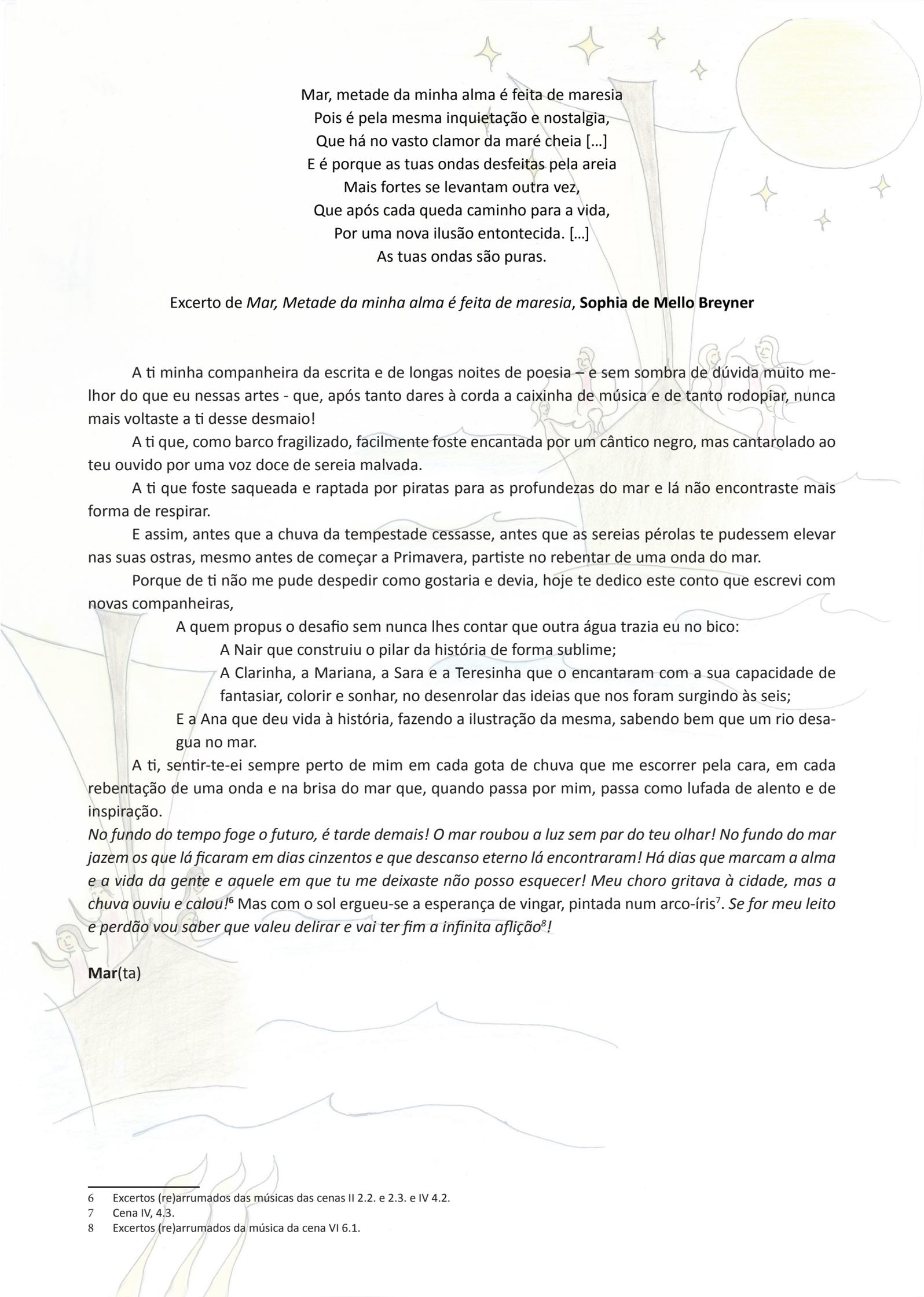
2 Excertos (re)arrumados das músicas das cenas II 2.3., III 3.3., IV 4.2. e X 10.2.

3 Inversão da cena VIII 8.2.

4 Excertos (re)arrumados da música da introdução

5 Juntar a 2ª à 1ª sílaba





Mar, metade da minha alma é feita de maresia
Pois é pela mesma inquietação e nostalgia,
Que há no vasto clamor da maré cheia [...]
E é porque as tuas ondas desfeitas pela areia
Mais fortes se levantam outra vez,
Que após cada queda caminho para a vida,
Por uma nova ilusão entontecida. [...]
As tuas ondas são puras.

Excerto de *Mar, Metade da minha alma é feita de maresia*, **Sophia de Mello Breyner**

A ti minha companheira da escrita e de longas noites de poesia – e sem sombra de dúvida muito melhor do que eu nessas artes - que, após tanto dares à corda a caixinha de música e de tanto rodopiar, nunca mais voltaste a ti desse desmaio!

A ti que, como barco fragilizado, facilmente foste encantada por um cântico negro, mas cantarolado ao teu ouvido por uma voz doce de sereia malvada.

A ti que foste saqueada e raptada por piratas para as profundezas do mar e lá não encontraste mais forma de respirar.

E assim, antes que a chuva da tempestade cessasse, antes que as sereias pérolas te pudessem elevar nas suas ostras, mesmo antes de começar a Primavera, partiste no rebrantar de uma onda do mar.

Porque de ti não me pude despedir como gostaria e devia, hoje te dedico este conto que escrevi com novas companheiras,

A quem propus o desafio sem nunca lhes contar que outra água trazia eu no bico:

A Nair que construiu o pilar da história de forma sublime;

A Clarinha, a Mariana, a Sara e a Teresinha que o encantaram com a sua capacidade de fantasiar, colorir e sonhar, no desenrolar das ideias que nos foram surgindo às seis;

E a Ana que deu vida à história, fazendo a ilustração da mesma, sabendo bem que um rio desagua no mar.

A ti, sentir-te-ei sempre perto de mim em cada gota de chuva que me escorrer pela cara, em cada rebentação de uma onda e na brisa do mar que, quando passa por mim, passa como lufada de alento e de inspiração.

No fundo do tempo foge o futuro, é tarde demais! O mar roubou a luz sem par do teu olhar! No fundo do mar jazem os que lá ficaram em dias cinzentos e que descanso eterno lá encontraram! Há dias que marcam a alma e a vida da gente e aquele em que tu me deixaste não posso esquecer! Meu choro gritava à cidade, mas a chuva ouviu e calou!⁶ Mas com o sol ergueu-se a esperança de vingar, pintada num arco-íris⁷. Se for meu leito e perdão vou saber que valeu delirar e vai ter fim a infinita aflição⁸!

Mar(ta)

6 Excertos (re)arrumados das músicas das cenas II 2.2. e 2.3. e IV 4.2.

7 Cena IV, 4.3.

8 Excertos (re)arrumados da música da cena VI 6.1.

Cena I

Com o sol vermelho derretendo no horizonte terminava mais uma tarde amena em Amizade, enquanto as crianças brincavam sobre as ripas de madeira salgada:

- **Bom Barqueiro**, Bom Barqueiro deixa-me passar, tenho filhos pequeninos para acabar de criar...

- Passarás, passarás, mas algum há-de ficar, se não for o da frente será o de trás trás trás... Felicidade ou Riqueza?

E todas as meninas que ficaram enroscadas nos braços foram escolhendo felicidade, acabando por formar uma fila única.

E nisto, como que por um toque soberano de magia, toda a **cidade adormeceu**.

As **crianças despertaram** estremunhadas sobre a areia molhada. Lentas águas beijavam a areia fina por tantos reboliços calcada. Sentindo algo a roçar-lhe nos pés, uma menina vergou-se para ver o que era, quando foi surpreendida por uma caixinha de música cuja superfície tinha pintado um esboço, uma espécie de mapa, indicando o caminho para Felicidade, capital de Sonho.

Exaltadas e em alvoroço, as crianças apoderaram-se da caixinha e quase partiam a chave de tanto dar à corda a pequena **bailarina** que se erguia da mesma quando se a abria. Nesta sucessão de rodopios sem fim da pequena bailarina, como que embriagadas pela mesma e pela música que esta dançava, desataram a **imitá-la** pelo areal fora em graciosos movimentos de clássico! Estranhamente, os seus fatos-de-banho foram-se remodelando em tutus de ballet.

Cena II

Enxugadas em **lenços brancos**, as **lágrimas das famílias** que entretanto também já tinham despertado, já mal se distinguiam na costa.

Quando terminou a corda da caixinha e as meninas voltaram à consciência já se encontravam em **mar alto**, dentro de um barco curiosamente artilhado e com tripulação completa, mas vazio de mantimentos. Estavam feitos ao caminho, incerto e perigoso, mas inexoravelmente dirigido ao abraço quente de Sonho. Consciente de todos os medos e reticências das meninas, como humano e gentil que era o Capitão juntou os seus homens e disse-lhes:

- Todos sabemos o que nos espera. Dúvidas, erros, dor... Sim! Mas estejamos certos de que cada desafio que ultrapassarmos, cada monstro que vergarmos e cada lágrima que chorarmos será **uma milha mais perto** de Felicidade. Por isso, em vez de cultivarmos esta angústia, festejemos o nosso rumo em direção a Felicidade e dancemos.

E assim fizeram as meninas que, durante toda a tarde se entretiveram a **dançar alegremente** até que, cansadas e com fome, pararam para repousar.

Cena III

Um pouco mais tarde, a **noite** sorriu, elevou um véu majestoso no céu e empurrou o **sol** para as águas, com a força do seu ébano. Era noite de lua nova e as estrelas também decidiram não aparecer. Sob a escuridão, atordoada e esfomeada, o resto da tripulação, entretanto, também já caíra no sono.

Pouco a pouco, a **lua** foi-se cobrindo de pequenos pontos cintilantes até se encher redonda de brilho! Tinham-se passado já duas semanas, mas ninguém se apercebera ou acordara. A luz da Lua era quase incandescente para estes olhos já pouco habituados a abrir ou a pestanejar e despertou a todos no barco de um sono profundo, revigorados e saciados, sem saber como nem porquê.

O capitão sugeriu:

- Dancemos à luz desta lua para lhe agradecer! E que a alegria e a saúde esteja connosco sempre!

Uniram os braços e toda a noite **dançaram a festejar**.

Cena IV

A jornada já ia longa, largas milhas de mar galgadas com o nobre intuito de assegurar o bem-estar nas terras que o mar isolara. Mas depois choveu. Cada vez mais. A seguir relampejou, e depois veio um severo trovão. Os homens fitaram o céu. A **tempestade** chegara. Por longas horas o monstruoso céu bramiu e chorou. O frágil barco vacilou, impotente, mas não virou.

O sol levantou-se pálido e frio para os que prevaleceram. Havia mortes para **chorar e lembrar**.

Com o sol ergueu-se a esperança de vingar, pintada num **arco-íris**.

Por entre o frio cortante dessa manhã ouviu-se um canto, lento e suave, por entre as brumas. Não demorou até que todos para ele deslocassem a sua atenção. Era uma melodia envolvente quase hipnótica que não se tornaria indiferente. Em pouco tempo a neblina opacificou, deixando apenas transparecer a silhueta de corpos de mulher. Não eram umas mulheres quaisquer! Eram **sereias-pérola** que, ao sair de dentro de ostras imensas, metamorfoseavam as suas barbatanas em pés, uniam as suas conchas e cobriam-nas com areia, que tinham trazido das profundezas do oceano, para ali formarem um pedaço de terra. Aproximaram-se com delicadeza. Com água salgada e algas trataram as feridas dos homens abalados e com frutos do mar e outros moluscos arranjarão o decrépito barco. E com o mesmo canto e ainda maior repente desapareceram.

Cena V

Com um suave vislumbre do sucedido, enquanto o sol raiou no céu naquele dia, não houve outro assunto na boca destes homens. As mulheres-pérola haviam vindo ao encontro deles e estavam prontos para seguir viagem. Havia um só problema. Tinham **perdido o rumo**. A tempestade deslocara demasiado o barco da sua rota e a orientação solar era fraca.

É então que se ouve um borbulhar, imenso e intenso. O tumulto cessa num instante. E das águas surgem **mulheres-peixe** com caudas sedosas e de um brilho quase transcendente. Cabelos vermelho coral cobriam-lhes o pescoço esguio, num cair leve sobre o peito, e os seus olhos profundos e líquidos fixavam qualquer criatura. Eram sereias proclamando saber a resposta, o rumo dos marinheiros.

A tripulação ficou em êxtase! Depois de tanto sofrimento caíra-lhes à frente a resposta com uma facilidade abismal.

Mas o Capitão não parecia convencido. Algo de estranho emanava daquelas mulheres. Não parecia haver a mesma generosidade gratuita das mulheres-pérola. No entanto, dividido entre homens em alvoroço e a sua dúvida pessoal, o bondoso Capitão decidiu ouvir as misteriosas mulheres, antes que o barulho despertasse as crianças, que ainda dormiam. Em pouco tempo os homens tinham sido embrenhados num canto malévolo que os deixou **inconscientes**. As maldosas mulheres chamaram os seus companheiros, **piratas das águas** e saquearam o barco. Todos os mantimentos oferecidos pela Lua para abastecer a tripulação durante a viagem tinham agora sido apoderados pelos piratas e pelas sereias malvadas que, durante o longo sono de todos, desceram ao seu mundo abissal.

Cena VI

Quando acordaram do sono induzido, o crime tornara-se óbvio. O Capitão Salvador viu-se, pela primeira vez em tantas tragédias, incapaz de providenciar segurança à sua tripulação e às meninas. Ao fitar o horizonte, à procura de respostas, algo estranho emergiu no seu campo de visão: um monte de neve lhe pareceu.

Eufóricos, todos se deslocaram para a proa do barco para vislumbrar de mais perto. Iam desequilibrando o barco, mas uma onda de esperança encheu-lhes o coração e, em pouco tempo o barco estava atracado. Um por um, desconfiados, largaram-se sobre o chão coberto por uma capa de açúcar e não de neve. Os perigos que da mesma pudessem emergir eram totalmente desconhecidos, pelo que o Capitão ordenou que permanecessem em grupo ou pelo menos **dois a dois** e, à medida que se deslocavam e que **esgravatavam** esta capa doce, iam brotando flores e árvores do solo, formando uma floresta, cada vez mais densa.

Árvore após árvore, descobriram que das suas ramagens pendiam todo o tipo de **delícias** – gomas, bombons, rebuçados e chupa-chupas embrulhados em papel colorido – e pelo caminho reabasteceram o seu corpo do açúcar que tanto necessitavam, ao som do desembulhar dos doces, cantares e **pulos felizes** das meninas, até que se depararam com uma casa no topo da encosta.

Cena VII

Aproximaram-se. A casa era bastante modesta e de madeira rude. Parecia quase não denotar sinais de vida, à parte da chaminé que exalava fumo. O Capitão começou por bater à porta. Não obtendo resposta forçou a maçaneta e num ranger quase reumático a porta acabou por abrir. De imediato surge um **velho carrancudo** que os assalta com perguntas:

- Quem são vocês?! Que querem de mim?! Estou ocupado e farto de gente egoísta que me acaba a fazer alguma!

Não estou nem com tempo nem com paciência... Estou **cansado, muito cansado!**

Arranquem pela raiz as minhas árvores e levem-nas para a vossa terra para poderem satisfazer de uma vez a vossa gulodice insaciável!

No momento em que o velho ia fechar a porta, o Capitão interveio:

- Senhor, o nosso barco foi saqueado. Somos simples marinheiros com crianças à procura de Felicidade. Vejo que tem trabalho... Nós podemos dar-lhe uma ajuda.

- Hum... - Resmungou - Entrem lá, entrem lá...

E todos passaram uma tarde maravilhosa: aproveitando peças de **brinquedos** estragados que foram encontrando pela casa construíram novos e, com restos de embrulhos de guloseimas que ainda traziam nos bolsos, empacotaram-nos. O velho olhava, de trás, absorto.

- Então senhor, precisa de mais alguma coisa? – Perguntou o Capitão.

- Chame-me Nicolau. Não. Não preciso... O que precisava já me deram. Precisava de me lembrar que existe amor no mundo. Assim, o que faço já tem um sentido.

As meninas despediram-se do velho com uma dança em sua **reverência!**

Cena VIII

No fim dessa tarde, reabastecidos e já cansados de tragédias, dirigiram-se **de novo para casa**, tentando esquecer a viagem para Felicidade. A tripulação retomava agora o embalo do seu barco em direção a Amizade, ao comando do Capitão.

Por trás das suas feições aguçadas e sardentas, queimadas pelo sol, e da sua barba por fazer escondia-se um homem profundamente sábio, bondoso e determinado. Determinado a devolver cada uma das meninas, pelas quais era responsável, aos seus lares, pelo Natal.

Pensativo, abriu a caixinha de música e imaginou-se a **dançar com a bailarina**. E sonhou! E dançou!

Subtilmente, a noite fria e escura foi-se cobrindo de astros cintilantes que dançavam graciosos, em **constelações** e em **estrelas-cadentes**. Essa dança simples e pura levou os nossos marinheiros pelas ondas, no caminho certo em direção à areia de Amizade, onde chegaram alguns dias depois.

Cena IX

Era véspera de Natal. Os pais, as mulheres, os filhos e os amigos **anunciavam** e choraram alegremente a **chegada** dos seus amados. As casas estavam quentes e leves, como se a elas retornasse aquilo que faltava para as completar.

Afinal a **Felicidade** era ali mesmo em Amizade!

Cena X

E desta alegria partilhou Nicolau, que, na noite de 24 de Dezembro seguiu pelo céu adentro para distribuir prendas, para dar um pouco de vida aos **sonhos** das crianças, por terras onde ainda não se sabia onde residia a felicidade e, pelo caminho, aproveitou para espreitar **Amizade** onde, bem escondido no céu e, deliciado com o que vira disse:

- *Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho*⁹, **Oh Oh Oh**

Uma era de felicidade simplesmente não é possível porque as pessoas querem apenas desejá-la, mas não possuí-la! [...]

Depois de um esforço violento na caça e na guerra, o homem se entrega ao repouso, estica os membros e sente as asas do sono roçando a sua pele. [...] Imaginar que, após eras inteiras de labor e inquietação, ele poderá usufruir, de modo correspondente, daquela condição de felicidade intensa e prolongada.

Excerto de *Humano, Demasiado Humano*, **Friedrich Nietzsche**

A ti que, sempre, partilhaste comigo o amor e a cultura pela música e pela dança, nomeadamente a clássica e porque sei que o teu brilho presente nutrirá os corações de todos os que o assistem, hoje te ofereço este espectáculo na íntegra, concebido em parte de raiz, mas com muito carinho e dedicação de todos da família Academia – Professores, Alunos e Amigos – nomeadamente,

O Celso que sabe o que falta para completar uma casa em felicidade;

O Andrey que sabe o que são as lágrimas ao se afastar da costa e o que são as lágrimas quando já não se tem por perto a sua (mestre) bailarina;

A Joana que não tem deixado o seu barco virar, apesar das tempestades;

A Ana Luísa, a Manuela e a Mariana A. que também sabem a que sabe a chuva;

A Vanessa que com o amor ao seu sol lembra que pode existir depois um arco-íris;

A Maria que teve de atravessar a ponte para poder alcançar um solo mais firme e doce;

O Augusto, a Mariana P., a Marisa, a Rute e a Ilona que nos ajudaram ou a ter um palco mais estrelado ou a organizar as nossas estrelas em perfeitas constelações;

A Maria João que sabe que o sonho comanda a vida;

A Mariana M. que sabe que dançando mantém vivo o sonho, para além do sono;

Todos os que sabem onde mora a amizade.

A ti que, apesar de sereias pérola te terem lavado as escaras e te terem tentado estancar com as suas algas, já estavas cansado, muito cansado de naufragar. A ti que, antes de terminar o verão, empurraste o sol para as águas e te elevaste no céu como majestoso que eras.

A ti que já descobriste a serenidade absoluta no manto da noite, no céu da lua cheia e das estrelas. A ti que a felicidade (eu sei que tu) encontraste durante os teus longos e sábios anos de vida em Amizade, mas que a mim, egoistamente, me pareceram (e me parecem ainda) tão escassos.

A ti que serás sempre estrela no rumo do meu barco, sei que me indicas o caminho e que, lá dos astros, me iluminas como se fosses teia de luzes de todos os meus palcos.

*Há gente que fica na história da gente e eis que a chuva bate no vidro trazendo a saudade! E veste o infinito véu da noite que cai do céu! I saw the rain-dirty valley, you were there at turnstiles with the wind at you heels, you filled the skies, you stretched for the stars and you know how it feels to get too high, too far, too soon! You saw the whole of the moon! So I pictured a rainbow! Ouvirás cantar nas alturas trovas e cantigas de embalar!*¹⁰ Subtilmente, a noite fria e escura foi-se cobrindo de astros cintilantes que dançavam graciosos, em constelações e em estrelas-cadentes.¹¹

(Mart)a(T)ei(x)e(i)ra¹²

10 Excertos (re)arrumados das músicas das cenas I 1.2., III 3.1., IV 4.2., VIII 8.3.

11 Cena VIII 8.3.

12 Ler da direita para a esquerda

Introdução

Quem tenha pressa, Deolinda

Cena I

Coreografias de Joana Veloso

- 1.1. **Bom barqueiro** (Ballet Graus 3 e 5): **Falua por Uxu Kalhus**
- 1.2. **A cidade adormeceu** (Ballet Graus 3 e 5): **Canção de Embalar por Diva**
- 1.3. 1.3.1. **Crianças despertaram** (Ballet Graus 3 e 5) 1.3.2. **Bailarina** (Beatriz Gaspar) 1.3.3. **Imitá-la: Dance of the Red Flutes, Tchaikovsky**

Cena II

Coreografia de Andrey Martinov

- 2.1. **Lenços brancos e lágrimas das famílias** (Ballet Nunca é Tarde): **Melodie, Gluck**

Coreografias de Joana Veloso

- 2.2. **Mar alto** (Ballet Graus Primário, 0, 3 e 5): **Canção do Mar, Dulce Pontes**
- 2.3. **Uma milha mais perto** (Modern Theatre Dance Graus 2 e 3): **Homem do Leme, Xutos & Pontapés**
- 2.4. **Dançar alegremente** (Ana Isabel Almeida, Clara Nogueira, Filipa Rodrigues, Mariana Martins, Nair Seixas e Sara Correia): **Katherina, Música Tradicional da Ucrânia**

Cena III

Coreografias de Marta Aguilar

- 3.1. **Noite** (Mariana Machado) e **Sol** (Vanessa Cardoso): **Flor da Noite, Nana Caymmi**
- 3.2. **Lua** - lua nova (Ana Luísa Guerra e Mafalda Sá), $\frac{1}{4}$ crescente (Ana Pinho e Isabel Santos), $\frac{1}{2}$ crescente (Ivone Almeida e Mariana Amorim) e cheia (Manuela Couto e Sara Nunes): **Lua & Lua Branca por M^a Bethânia**

Coreografia de Marta Aguilar e de Celso Claro

- 3.3. **Dançaram a festejar** (Salsa): **A noite, Resistência**

Cena IV

Coreografia de Maria João Dias

- 4.1. **Tempestade** (Hip Hop Kids): **Cry me a River, Instrumental e por Justin Timberlake**

Coreografia de Marta Aguilar

- 4.2. **Chorar e lembrar** (Ana Luísa Guerra, Manuela Couto, Mariana Amorim e Marta Aguilar): **Chuva por Mariza**

Coreografia de Joana Veloso

- 4.3. **Arco-íris** (Ballet Graus Pré Primário, Primário, 0, 3 e 5): **Molly on the Shore, Percy Grainger**

Coreografia de Marta Aguilar

- 4.4. **Sereias-pérola** (Dança do Ventre II e III): **O Mar Serenou, Luciana Mello**

Cena V

Coreografia de Joana Veloso

- 5.1. **Perdido o rumo** (Ana Isabel Almeida, Ana Sofia Graça, Beatriz Santos, Lara Silva, Mafalda Lopes, Mariana Martins, Nair Seixas e Teresa Moscoso): **Le Petit Rien, J.Skill**

Coreografia de Marta Aguilar

- 5.2. **Mulheres-peixe** (Sensual Jazz): **Under Whater Love, Smoke City**

Coreografia de Joana Veloso

- 5.3. **Inconscientes** (Ballet Grau 3) e **Piratas das águas** (Francisca Rocha e Grau 5): **Excerto da Banda Sonora de Piratas das Caraíbas, Hans Zimmer**

Cena VI

Coreografia de Marta Aguilar e de Celso Claro

- 6.1. **Dois a dois esgravatavam** (Tango): **Sonho Impossível por M^a Bethânia**

Coreografias de Joana Veloso

- 6.2. **Delícias** (Modern Theatre Dance Graus 2 e 3): **Happy, Pharrel Williams**

- 6.3. **Pulos felizes** (Ballet Grau Primário e 0): **Humoresque, Antonín Dvorák**

Cena VII

Sob orientação de Marta Aguilar

- 7.1. **Cansado, muito cansado**: Paulo Sousa declama excerto de **Cansaço, Álvaro de Campos**

Coreografia de Maria João Dias

- 7.2. **Brinquedos** (Maria João Dias): **Excerto da Banda Sonora de A Fantástica História de Amélie, Yann Tiersen**

Coreografia de Joana Veloso

- 7.3. **Reverência** (Ballet Graus 3 e 5): **A Tam Dolu K Dunaju Po Nabrezi, Músicas Tradicionais Eslovacas e Checas**

Cena VIII

Coreografia de Maria João Dias

- 8.1. **De novo para casa** (Hip Hop Kids): **Excerto da Banda Sonora de Branca de Neve, Frank Churchill & Jesus Walks, Kanye West e por Josh Osho**

Coreografias de Marta Aguilar

8.2. Dançar (Sérgio Cerqueira) **com a bailarina** (Ester Dias): **O Silêncio das Estrelas, Lenine**

8.3. Constelações (Barra no Chão): **The Whole of the Moon, The Waterboys**

Coreografia de Joana Veloso

8.4. Estrelas-cadentes (Ballet Grau Pré Primário): **nº1, August Durant Ualsa & nº 2, Mexican Hat Dance**

Cena IX

Coreografias de Joana Veloso

9.1. Anunciavam (Ballet Graus Pré Primário, Primário e 0): **Música Tradicional Inglesa**

9.2. Chegada (Ballet Grau 5): **Waltz of the Fans, Minkus**

9.3. Felicidade (Ballet Graus Primário, G0, G3 e G5): **Kakhidze, Aram Khachaturian & Música Tradicional Italiana**

Cena X

10.1. Sonhos (todos os alunos participantes): **Pedra Filosofal por Manuel Freire**

10.2. Amizade (Professores e Ana Gonçalves): **Somewhere Over the Rainbow por Melody Gardot**

10.3. Oh Oh Oh: Sérgio Cerqueira representa Nicolau

Fim

A Felicidade por Chico Buarque

Ballet Clássico Grau Pré-Primário: Mariana Neves e Salomé Neves; **Grau Primário:** Adriana Gomes, Beatriz Costa, Carolina Aguiar, Catarina Perestrelo, Flávia Cutivet, Mafalda Caldeira, Sienna Guerreiro e Sofia Freitas; **Grau 0:** Beatriz Gaspar, Catarina Teixeira, Francisca Rocha e Mafalda Jorge; **Grau 3:** Ana Isabel Almeida, Beatriz Santos, Clara Nogueira, Filipa Rodrigues, Lara Silva, Mafalda Lopes e Nair Seixas; **Grau 5:** Ana Sofia Graça, Mariana Martins, Sara Correia e Teresa Moscoso; **Barra no Chão:** Clara Nogueira, Mariana Martins, Nair Seixas, Sara Correia e Teresa Moscoso; **Ballet Nunca é Tarde:** Ana Pinho, Mafalda Sá, Maria Oliveira e Raquel Fernandes; **Modern Theatre Dance Graus 2 e 3:** Ana Sofia Graça, Beatriz Santos, Daniela Silva, Leonor Lopes, Leonor Nogueira, Mafalda Lopes, Marta Santos e Teresa Moscoso; **Hip Hop Kids:** Alexandra Silva, Ana Catarina Azevedo, Ana Lúcia Ferreira, Inês Moreira, Mafalda Pinho, Marta Fraga e Sara Araújo; **Dança do Ventre II e III:** Ana Luísa Guerra, Ana Pinho, Isabel Santos, Ivone Almeida, Mafalda Sá, Manuela Couto, Mariana Amorim e Sara Nunes; **Sensual Jazz:** Ana Luísa Guerra, Ariana Pinto, Cláudia Almeida, Isabel Santos e Manuela Couto; **Salsa:** Ana Sofia Silva, Paulo Sousa, Sérgio Cerqueira e Sónia Cardoso; **Tango:** Daniela Ferreira Costa, Paulo Sousa, Raquel Fernandes e Sérgio Cerqueira.

A felicidade é como pluma que o vento vai levando pelo ar
Voa tão leve mas tem uma vida breve, precisa que haja vento sem parar.
A felicidade é como gota de orvalho numa pétala de flor
Brilha tranquila, depois de leve oscila e cai como uma lágrima de amor
[...] de todas as cores.

Excerto de *A felicidade*, Vinícius de Moraes

Por fim peço desculpas a todos os que mereciam e não tiveram da minha parte palavras sinceras de agradecimento. Caso não saibam quem são digo-vos que o simples facto de coexistirem comigo em Amizade adoçam a vida e o trabalho de todos na Academia, tal como as árvores mágicas de Nicolau! Hoje cingi as minhas palavras a três estrelas – uma do céu, uma do oceano e outra, ontem cadente, amanhã de novo cintilante -, que de formas tão distintas, se partiram este ano da minha constelação. Este Natal não vou conseguir colocá-las no topo do meu pinheiro em Felicidade, embora saiba e sinta que me acompanham sempre em/no sonho e no meu barquinho de papel! As memórias que trago dentro de mim servem-me de refúgio e cada lágrima que verto é uma milha mais perto de vós, por isso este Natal apenas quero a chuva em mim! Chuva! Pois *se metade da minha alma é feita de maresia que, como gota de orvalho, forma uma bola colorida que cai como lágrima de amor*, eu a enxugo dos meus olhos antes que se forme nos meus lábios um arco-íris (invertido). E só assim conseguirei ver para além daquele que será depois pintado pelo sol e que se reflectirá sobre a água! *Eles não sabem que o sonho é uma constante da vida, tão concreta e definida, como outra coisa qualquer! Mapa do mundo distante, rosa-dos-ventos que é cabo da Boa Esperança, Barco de proa festiva, desembarque em foguetão na superfície lunar em passo de dança! Eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida! E que sempre que o homem sonha o mundo pula e avança, como bola colorida entre as mãos de uma criança*¹³!

Um abraço pleno, eterno e quente,

(Marta Teixeira) A¹⁴gu(il)a(r)

P.S. Deixo a última página para os que não quiseram deixar nem lenços, nem essa página em branco.

13 Excertos (re)arrumados da música da Cena X 10.1.

14 Colocar acento agudo

Partiste.
Neguei. Chorei.
Quis partir contigo
mas faltou-me a coragem.
Sobrou-me mais tarde a coragem de viver e aceitar.
Saber que não te vou esquecer mas vou superar.
Partiste.
E alguém me disse uma vez
que tu estás algures a olhar por mim.
E eu gosto de acreditar que agora és o meu anjo da guarda.
Saudade. Sim. Sempre.
Mas aprendemos a viver com ela
como uma companheira fiel que nos lembra todos os dias
que o amor não morre quando alguém parte.

Ana Gonçalves na Ilustração do texto

Meu sol, eu sei que por vezes tens de te por para descansares e recuperares as forças, mas hoje danço para ti para que te levantes de novo em cada manhã da minha vida! Brilho para ti para que brilhes sempre para mim! Adoro-te!

Vanessa Cardoso em Cena III, 3.1.

“Como é que se esquece alguém que se ama? Como é que se esquece alguém que nos faz falta e que nos custa mais lembrar que viver? Quando alguém se vai embora de repente como é que se faz para ficar? [...] A tristeza só há-de passar entristecendo-se. Não se pode esquecer alguém antes de terminar de lembrá-lo. Quem procura evitar o luto, prolonga-o no tempo e desonra-o na alma. A saudade é uma dor que pode passar depois de devidamente doída, devidamente honrada. É uma dor que é preciso aceitar, primeiro, aceitar. É preciso aceitar esta mágoa, esta moinha, que nos despedaça o coração e que nos mói mesmo e que nos dá cabo do juízo. É preciso aceitar o amor e a morte, a separação e a tristeza, a falta de lógica, a falta de justiça, a falta de solução [senão] acumula-se-nos tudo na alma, fica tudo desarumado. O esquecimento não tem arte. Os momentos de esquecimento, conseguidos com grande custo, com comprimidos e amigos e livros e copos, pagam-se depois em condoídas lembranças a dobrar. Para esquecer é preciso deixar correr o coração, de lembrança em lembrança, na esperança de ele se cansar.”
Excerto de *Como é que se esquece alguém que se ama?*, Miguel Esteves Cardoso

Ana Luísa Guerra em Cena IV, 4.2.

Questiono os gestos mais simples, escrever este texto, tentar dizer aquilo que foge às palavras e que, no entanto, precisa delas para existir com a forma de palavras. Mas eu questiono, pergunto-me, será que são necessárias as palavras? Eu sei que entendes o que não sei dizer. Repito: eu sei que entendes o que não sei dizer. Essa certeza é feita de vento. Eu e tu somos esse vento. Não apenas um pedaço dentro do vento, somos o vento todo.

Escuta,
Ouve.

Mariana Amorim em Cena IV, 4.2.

Manuela Couto em Cena IV, 4.2.